

Espaço funerário, etnias e valores religiosos no Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, RS: histórias de rechaço e acolhimento, um judeu e um negro.*

Funerary space, ethnic groups and religious values in the Cemetery of the Santa Casa de Caridade of Bagé, RS: rejection and acceptance, a Jew and a black man.

*Fábio Vergara Cerqueira***

*Elaine Maria Tonini Bastianello****

Resumo: Baseados no estudo sistemático de túmulos do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé (1858), estudamos as relações entre o espaço funerário, os grupos étnicos e os valores religiosos, enfocando a análise de dois túmulos em particular, que constituem exceções aos valores católicos predominantes naquela sociedade: o jazigo do judeu José Brunschvig, e aquele do negro Preto Caxias. Além disso, analisamos os usos atuais, religiosos e não religiosos, destes túmulos.

Palavras-chave: Cemitério. Etnias. Religião. Memória. Monumentos.

Abstract: Based on a systematic study on the tombs of the Cemetery of the *Santa Casa de Caridade* in Bagé (1858), we study the relations between the funerary space, the ethnic groups and the religious values, focusing on the analysis of two particular tombs, that consist exceptions considering the Catholic predominant values of that society: the tomb of the Jew José Brunschvig and that of the black man Preto Caxias. Furthermore, we analyze the religious and not religious uses of these tombs today.

Keywords: Cemetery. Ethnic groups. Religion. Memory. Monuments.

Introdução: espaço funerário, etnias e valores religiosos

* Este artigo aprofunda estudos feitos no âmbito da pesquisa de mestrado que resultou na dissertação da autora Elaine Maria Tonini Bastianello (2010), no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPeL).

** Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas. Doutor em Antropologia Social, com concentração em Arqueologia Clássica. Licenciado em História (UFRGS).

*** Professora de Ensino Médio da Rede Pública Estadual. Membro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). Membro do Núcleo de Pesquisa Histórica Tarcísio Tabora (NPHTT). Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPeL). Licenciada em Educação Artística (URCAMP). Licenciada em História (UFSM).

O estudo dos cemitérios e monumentos funerários de uma cidade significa, mais que contar a sua história, examinar seu cotidiano, suas transformações, influências culturais, concepções estéticas, hierarquias sociais e econômicas, lideranças políticas, e tantos outros fatores, entre os quais destacaríamos valores religiosos e morais, e etnicidade. E é sobre esses últimos fatores que discorreremos neste artigo, ao abordarmos dois enterramentos que fugiram ao padrão étnico-religioso da maioria quase absoluta dos enterramentos neste cemitério: de um judeu, José Brunschvig, e de um afro-brasileiro, o Preto Caxias.

A formação cultural de Bagé, situada próxima à fronteira com o Uruguai, é resultante da participação, ainda no século XIX, de diversas etnias, nomeadamente, grupos de origem portuguesa, espanhola, italiana, sírio-libanesa e alemã. Estes imigrantes ajudaram a disseminar uma arquitetura baseada em padrões europeus, de modo semelhante a várias cidades do país à época, remodelando o cenário urbano, que perde aos poucos a feição luso-brasileira, ao substituir a arquitetura herdada do período colonial pelo ecletismo histórico (SANTOS, 2002. ANJOS, 2000). O Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé¹ foi influenciado por esta diversidade de informações em termos de estilos e origens dos modelos de monumentos funerários, fortemente marcados por elementos neoclássicos, bíblicos e até mesmo egípcianizantes.

A repercussão dessas mudanças introduzidas por esses estrangeiros, aliadas à expressão de riqueza do período, fez-se sentir na sofisticação da área do cemitério conhecida como *Primeira Divisão*. Constata-se aí um inestimável valor de patrimônio material e artefactual. Simboliza a memória do sepultado, a visão social de sua família, bem como um conjunto de valores da sociedade da época, dando eco inclusive às particularidades étnicas. Ao mesmo tempo, no interior da Primeira Divisão, ocorrem fenômenos contemporâneos de apropriação deste espaço, seja fenômenos dessacralizados, como a patrimonialização cultural e turistificação, seja fenômenos de ressacralização do espaço, transformando um túmulo em um novo local de culto, seja até mesmo em combinações hodiernas estranhas destas formas de apropriação, como o túmulo recentemente adquirido para ser “restaurado” e ser usado para o enterramento do cachorrinho de estimação.

¹ A partir de agora, poderá ser identificado pela abreviação CSCCB.

Nosso objetivo aqui é interpretar dois casos extremos, no sentido de fugirem à regra, quer por não se encaixarem no padrão étnico e no biótipo branco de origem europeia, quer por não se enquadrarem no padrão religioso cristão, majoritariamente católico. De um lado, o tratamento funerário dado ao judeu José Brunschvig revela o procedimento de exclusão no espaço funerário de um não cristão; de outro, a excepcionalidade do enterramento do Preto Caxias na Primeira Divisão, área destinada à elite branca, de origem europeia e católica, mostra uma forma de inclusão simbólica no espaço cemiterial de um indivíduo pertencente a um grupo étnico excluído na sociedade escravocrata do século XIX. Ademais, a excepcionalidade deste fato foi modernamente apropriada por outras práticas religiosas, que metamorfosearam seu túmulo em um altar.

Bagé e seus cemitérios

O primeiro espaço de sepultamento da cidade foi a própria igreja de São Sebastião, atual catedral. Enterramentos eram feitos nas partes internas e externas do templo. O costume foi condenado em meados do século XIX, o que levou à fundação do primeiro cemitério, localizado na Rua General Osório, esquina com a Rua 3 de Fevereiro. Com o crescimento acelerado da cidade após o término da Revolução Farroupilha (1835-1845), estimulado pelo avanço da pecuária e do ciclo charqueador, este cemitério tornou-se rapidamente pequeno, e a ele se sucederam outras três necrópoles.

Por se tratarem de cemitérios públicos, cabia à Câmara Municipal tomar as decisões necessárias. No ano de 1858, inaugurou-se finalmente o quinto e definitivo espaço de sepultamento: o *Cemitério da Santa Casa de Caridade*, tão antigo quanto o *Cemitério da Consolação* de São Paulo. (Figura 1)



Figura 1: Registro fotográfico mais antigo do Cemitério da Santa Casa de Caridade Bagé.

Acervo: Bagé, Museu D. Diogo de Souza, Fototeca Túlio Lopes.

Uma entrada principal dava acesso à área nobre, a Primeira Divisão, um espaço todo cercado por um muro caiado, que protegia os restos mortais e escondia a morte do olhar dos vivos.

No contexto de racionalização e higienização urbana de meados do século XIX, os cemitérios, até então localizados dentro da área urbana e das igrejas, foram afastados da área central e colocados em lugar público, retirados do domínio eclesiástico. Nessa época, iniciava-se no Brasil o processo de secularização, com a separação entre Igreja e Estado, efetivada tão-somente com o advento da República laica. Os dois casos que estudaremos neste artigo mostram algumas nuances desta relação entre a dimensão religiosa e dimensão pública dos cemitérios, nas duas últimas décadas do período imperial.

Inaugurado, o novo cemitério público passou a abrigar ossadas dos antigos cemitérios centrais, repetindo o processo ocorrido em Paris (FOUCAULT, 1996. ARIÈS, 1989). Constata-se uma articulação entre a criação de novos espaços públicos fúnebres e a prevenção a doenças epidêmicas. O remanejamento foi pensado e concretizado por intelectuais e políticos, em consonância com a mentalidade orientada pelo discurso higienista, que remodelava as cidades e cemitérios com o fito de evitar o convívio dos vivos com poluentes geradores de doenças.

A administração do cemitério era feita, inicialmente, pela irmandade conjunta de São Sebastião e do Santíssimo Sacramento². Por decisão da Câmara Municipal, seu gerenciamento passou à responsabilidade do *Hospital da Santa Casa de Caridade* local, razão de seu nome atual (TABORDA, 1973). Percebe-se que a hegemonia religiosa da Igreja católica sobrepõe-se ao ainda incipiente sentido laico da publicidade da ordem da cidade. Estabelece-se aí um paradoxo: os cemitérios devem ser tratados como públicos e seculares, mas se reconhece o direito das ordens religiosas católicas para administrarem este espaço e explorarem este negócio não caritativo, posto que cobrado. E esta é uma contradição que se mantém até hoje, uma vez que o *Código de Posturas Municipal* de 1971 (Livro XXI, *Dos cemitérios*, Art. 360) assegura a continuidade da concessão:

“Os cemitérios terão caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, ressalvada a concessão feita à Santa Casa de Caridade, no que se refere ao cemitério municipal desta cidade.”³

Vê-se que o afastamento da Igreja do controle do território da morte não se efetivou por completo: impedida de controlar o espaço mortuário pela proibição dos enterramentos no espaço eclesiástico, a Igreja preservou sua autoridade, já que a instituição religiosa católica Santa Casa de Caridade assumiu a sua administração. E, em diferentes oportunidades, fez valer a sua visão e poder sobre o uso deste espaço público, ao impedir ou autorizar sepultamentos.

Método de estudo sistemático do espaço funerário

A excepcionalidade do tratamento dos dois enterramentos estudados pode ser averiguada a partir do estudo sistemático do conjunto do cemitério, com a verificação da ocorrência de padrões hegemônicos (do ponto de vista étnico, religioso e estético), com relação aos quais estes dois enterramentos constituem desvios. O primeiro passo deste estudo sistemático, na inexistência de uma planta baixa da *Primeira Divisão*, foi representar graficamente a organização física do espaço, com seu arruamento, sua divisão por quadras, seu entorno murado, sua capela. Para tanto, nos apoiamos inclusive na tomada aérea. (Figuras 2)

² Modelo semelhante permanece, por exemplo, no cemitério de Jaguarão (RS), conhecido ainda hoje como Cemitério das Irmandades.

³ O *Código de Posturas* é uma Lei Complementar, que deve observar a determinação da *Lei Orgânica do Município*, promulgada pela Câmara de Vereadores em 17 de julho de 1971.

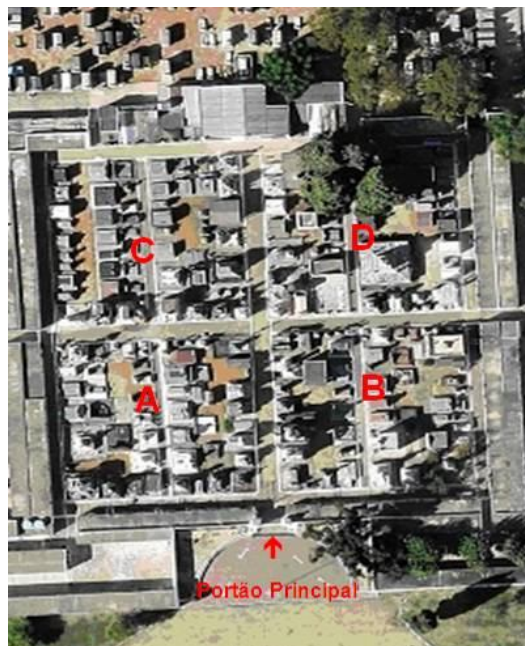


Figura 2: Tomada aérea da Primeira Divisão.

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento de Bagé, 2002.

Mais adiante, procedeu-se ao inventário sistemático dos túmulos do perímetro dos quatro quadrantes, resguardadas as exceções dos jazigos-capela (nos fundos), de um mausoléu de excepcional significado (no interior de um quadrante) e de um único túmulo situado fora da *Primeira Divisão* (em espaço na época externo à área construída do cemitério). A razão da escolha estava na representatividade destes túmulos, do ponto de vista do acabamento enquanto arquitetura funerária, com riqueza de elementos ornamentais e iconográficos. O avanço da pesquisa demandou um levantamento assistemático nos túmulos em gaveta dos muros circundantes, para entendimento do conjunto.

O levantamento sistemático dos túmulos da área delimitada resultou em um inventário de 135 túmulos⁴, com enterramentos originais datados da fundação (1858) até a metade do século passado (BASTIANELLO, 2010, p. 21-22).

Foi com base na observação dos dados sistematizados que se verificou, nos túmulos estudados da *Primeira Divisão*, a presença de famílias que nos reportam, por critério onomástico, a nove origens étnicas: luso-brasileira, espanhola, italiana, francesa, alemã, árabe (sírio-libanesa), judaica, afro-descendente e polonesa (BASTIANELLO, 2010, p. 71).

⁴ Não contabilizamos aqui o *Panteón da Sociedade Hespanhola*, localizado no interior de um quadrante, e o túmulo do franco-judeu, externo à área da Primeira Divisão.

A definição do critério onomástico patronímico para classificação das origens étnicas foi uma opção metodológica baseada no critério de viabilidade, uma vez que não seria possível realizarmos estudos genealógicos para os 135 túmulos catalogados. Contudo, o critério onomástico não resolveu as identificações na integralidade. Por exemplo, o túmulo de um judeu foi identificado não pelo sobrenome, Mold, que poderia ser confundido com alemão, mas por um atributo iconográfico: a estrela de Davi. No caso do túmulo do afro-brasileiro Preto Caxias, a identificação não foi garantida pelo patronímio, Caxias (que a pesquisa revelou ser na verdade um apelido), mas pelo étnico, *preto* (BASTIANELLO, 2010, p. 72).

A predominância do componente português, espanhol e italiano nesta sociedade, de resto já apontada pela historiografia local que recorreu precipuamente aos documentos escritos (REIS, 1911. ROCHINHAS, 1963), foi corroborada pelo testemunho dos monumentos funerários.

Ao tabularmos os dados constatamos que, de um total de 135 túmulos inventariados, 72 pertencem a famílias luso-brasileiras (53,33%), caracterizando-o como o grupo demográfica e socialmente hegemônico. Os oito grupos étnicos restantes perfazem juntos 57 túmulos (42,23%).⁵

No entanto, a participação destes grupos é desigual. O grupo formado por alemães (04 túmulos), árabes (04), judeus (01), poloneses (01) e afro-descendentes (01), soma tão-somente 11 túmulos, o que equivale a apenas 8,15%. A participação mais representativa dos imigrantes não lusos e de origem européia se verifica em três grupos étnicos: espanhóis (28 túmulos = 20,74%), italianos (11 = 8,15%) e franceses (07 = 5,19%).

Outras etnias, outros olhares

O valor de análise do espaço funerário não se limita à expressão quantitativa dos grupos representados pelos túmulos. O valor pode ser encontrado no caráter excepcional, de desvio da regra, o que demanda do pesquisador exercício de reflexão. Nesta perspectiva, sob outros olhares, a representação de etnias não hegemônicas mostra-se merecedora de atenção.

Conforme os números expostos acima, podemos constatar que, além da presença do português, pioneiro no desenvolvimento da região, também tivemos a

⁵ Não se identificou a pertença étnica de 6 túmulos (4,4%).

forte presença do espanhol e do italiano, que contribuíram para a estruturação e modernização desta cidade. Mas os números também nos apontaram a presença de outros grupos, numericamente minoritários, como os sírio-libaneses, que chegaram em Bagé em 1905 e muito contribuíram ao desenvolvimento econômico, por meio da atividade comercial (ROCHINHAS, 1963, p. 219), e os alemães, que se instalaram sobretudo na zona rural, fundando a Colônia Nova⁶, implantando o sistema cooperativo de ocupação da terra, contribuindo sobremaneira para a expansão do plantio de grãos e da bacia leiteira na região.

Mas o que nos dizem os túmulos de um judeu e de um negro, no espaço cemiterial consagrado às elites de origem ítalo-ibérica e cristã?

Rechaço e acolhimento simbólico de etnias socialmente excluídas no espaço funerário: um judeu e um negro

De um lado, a não aceitação religiosa de um judeu, em uma sociedade hegemonicamente católica; de outro, a negação da humanidade plena de um negro, em uma sociedade escravista. Dois tabus sociais vigentes à época, que repercutiram diretamente sobre o uso do espaço cemiterial por parte dos grupos étnicos, sobretudo considerando-se que o Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé, por decisão da Câmara Municipal, era administrado por um órgão diretamente ligado à Igreja Católica e ao substrato étnico português. Entre os monumentos funerários do cemitério, encontramos dois exemplos paradigmáticos para se pensar sobre como a sociedade da época lidava, em casos particulares, com exclusões sociais. Estes casos, veremos, nos revelam, de um lado, a existência de opiniões dissonantes sobre o impacto destes tabus sobre as relações interpessoais; de outro, nos revelam como as próprias instituições oficiais, desde sua ótica, encontravam por vezes brechas para relativização destes princípios (preconceitos) que deveriam ter vigência geral. Os dois casos são ótimos exemplos para se analisar as complexas relações entre os discursos normatizadores e as práticas sociais. Passemos aos acontecimentos.

Um judeu enterrado fora da Primeira Divisão. Uma exclusão simbólica no espaço cemiterial.

⁶ Localidade hoje pertencente ao município fronteiro de Aceguá, que se desmembrou do território de Bagé.

No ano de 1877, aconteceu um fato inusitado no CSCCB. Na ocasião, a *Primeira Divisão* era o único espaço sepulcral da cidade. Um imigrante foi proibido de ser sepultado neste local, como nos narra o pesquisador Harry Rotermund (1981, p. 77). Seu túmulo foi edificado fora dos muros que então delimitavam o espaço cemiterial, atrás da capela. Esta área, mais tarde, foi abarcada pelo avanço do cemitério, constituindo-se hoje, ironicamente, um lugar central. Na época, foi uma sepultura banida do espaço oficial. Por descaminhos do destino, estando hoje ao centro, encontra-se próxima daqueles que, à época, o rechaçaram.

Este sepultamento além-muro significa que, naquele momento do século XIX, a administração do CSCCB, a cargo das irmandades, vedou ao falecido o direito de enterramento de seu corpo no interior do espaço sagrado. Por quê? Tratava-se de um imigrante de origem francesa, de fé judaica, chamado José Brunschvig.

O fato inesperado ocorreu na hora do sepultamento, conforme observa João Coronel Sais (1984, p. 35): “o corpo do referido cidadão, depois de cumpridas as formalidades legais e as cerimônias fúnebres, foi conduzido ao campo santo, para descanso em paz”. O pesquisador observa ainda que este fato acarretou desagradáveis conseqüências, aos olhos dos que à época eram responsáveis pelo cemitério:

José Brunschvig não poderia ser sepultado na necrópole, visto que, sendo judeu, um herege, um anticristão, macularia a terra do cemitério, dirigido e orientado por uma congregação religiosa (...), o corpo de José estava insepulto! Havia necessidade de uma decisão urgente e as partes concordaram. A irmandade deu a concessão de que o corpo de José - o judeu - fosse dado à sepultura do lado de fora do cemitério, além do muro que delimitava o campo santo.

Seria esta uma situação inesperada ou previsível? Na verdade, fatos semelhantes ocorreram, na mesma época, em outras regiões do país. No dia 12 de agosto de 1856, não se permitiu o enterramento do corpo do imigrante inglês Henrique Ellery no cemitério São Casimiro, no Ceará (BATISTA, 2002, p. 28). Apesar de ter professado a fé católica poucos anos antes, o vigário local não se deu por convencido, negando-lhe assim o direito ao enterro. Portanto, Ellery e Brunschvig, imigrantes não católicos, em um país cuja constituição apregoava a liberdade religiosa desde 1824, não tinham direito, do ponto de vista eclesiástico, a serem enterrados no campo santo. Lembremos que era necessário que o cemitério fosse bento por um padre católico.

Vemos que a proibição das inumações no interior e entorno dos templos católicos, que retiraria poderes da Igreja transferindo-os para o Estado, na prática não encerrou de todo o poder da Igreja católica sobre as exéquias. Assim, considerava-se que judeus, pagãos, “acatólicos”, apóstatas e excomungados, além de suicidas, não mereceriam o enterramento no interior do campo santo. Procurando modificar esta realidade, em 1888, realizou-se, na capital do Ceará, o *Primeiro Synodo Diocesano Fortalexiense*, onde se defendeu o enterramento de pessoas que não mereceriam a sepultura eclesiástica (BATISTA, 2002, p. 29).

Passadas 4 décadas, no ano de 1918, Jaime Mold, judeu, pôde ser enterrado no interior da *Primeira Divisão*, permitindo-se que afirmasse sua fé religiosa através do ícone identitário, a estrela de Davi, representada sobre a lápide.

A exclusão aplicada sobre o corpo “infel” de Brunschvig pode ser analisada como uma forma de rejeição ao sepultado, no sentido trazido por Clarival do Prado Valladares (1972, p. 605): “A denúncia e o protesto no túmulo é uma forma de vingança, o modo da vingança sublimar-se uma vez realizada na pedra e cal. O cemitério significa a praça pública, o lugar ideal para a vindita perenizar-se na exprobração”. Excluir Brunschvig do espaço mortuário significava dar ao morto a identidade de subclasse – a exclusão da identidade hegemônica, a identidade católica – por ser excluído do espaço social em que as identidades são, de certa forma, buscadas, construídas e avaliadas.

A exclusão do corpo de Brunschvig, um judeu, mostra-nos que, por detrás de toda a diversidade étnica contida no interior dos muros da *Primeira Divisão*, pairava, acima, um sentido de profunda unidade religiosa, a fé cristã, e, mais que isso, católica, professada pelos imigrantes luso-brasileiros, espanhóis, italianos e franceses.

No entanto, esta exclusão não foi algo pacífico na sociedade da época, pois muitos defendiam o seu direito ao enterramento, tanto que seu túmulo foi encomendado por amigos. Este fato nos interessa muito, pois fala da existência de opiniões dissonantes, no mundo dos vivos, discordantes da ideologia oficial de pretensão homogeneizante. O acontecimento gerou uma polêmica entre os que não permitiam seu sepultamento dentro do cemitério e os que entendiam que todo o corpo humano merecia ser respeitado independente de origem étnica e religiosa. Sais (1984, p. 35) aponta ainda que “o consulado francês deve ter sido solicitado a intervir, já que a pedra de mármore, que ainda permanece no túmulo, tem a seguinte

inscrição: 'Homenagem ao súbdito francês José Brunschvig', falecido a 3 de setembro de 1877" (Figura 3). Esta tensão nos remete ao ambiente da Questão Religiosa, que abalou o Império, entre os anos 1872 e 1875 (PELLEGRINI et al., 2010), repercutindo em várias regiões do país, ao colocar em cheque a aliança entre o Estado imperial e a Igreja católica. Anticlericalismo e republicanismo são ideias que, aos poucos, começam a se espalhar por todos os cantos do território do império brasileiro, e, muitas vezes, veem em pequenos acontecimentos da vida cotidiana a oportunidade para se expressarem. Em Bagé, parece-nos, o enterramento de João Brunschvig foi uma destas situações.



Figura 3: Lápide do túmulo de José Brunschvig
Fotografia: Bastianello, 2010

O túmulo de Brunschvig (Figura 4) é de fácil identificação, por sua sepultura toda branca, caiada, com arquitetura exclusiva (um sarcófago em destaque), que lhe dá solidez.



Figura 4: Túmulo de José Brunschvig
Fotografia: Bastianello, 2010

Conhecido como o “túmulo do judeu”, é hoje um dos mais visitados. Sua materialidade sem dúvida é digna de nota. É o único com forma de caixão. Com estrutura caiada, somente sua lápide é de mármore, em oposição aos túmulos da época que privilegiam esse material. A materialidade assim não permite esquecer o desvio ao padrão, a não pertença à cultura regrada pela religião católica.

Um negro enterrado dentro da Primeira Divisão. Uma inclusão simbólica no espaço cemiterial.

Ao mesmo tempo em que Brunschvig foi rechaçado do espaço mortuário, é interessante observar que este mesmo cemitério, na década seguinte, veio a acolher um representante de outra etnia excluída na sociedade racista da época. Trata-se de um negro, Maximiliano Domingos do Espírito Santo, falecido em 1888, popularmente conhecido como Preto Caxias, ao qual se proporcionou ademais um enterramento em lugar de destaque. Seu apelido é uma referência a sua bondade e virtudes, que seriam comparáveis, segundo a visão da sociedade local da época, ao Duque de Caxias.

Natural do Rio de Janeiro, veio para o Sul como soldado do 8º Batalhão de Infantaria, obtendo baixa do exército, por conclusão de tempo, em 1847, quando decidiu fixar residência em Bagé (REIS, 1911).

Assim que deu baixa, “procurou aperfeiçoar-se como enfermeiro, pois tinha noções da profissão adquirida no exercício da carreira militar” (SAIS, 1984, p. 95). Durante 40 anos foi enfermeiro da Santa Casa, implorando pela caridade, a fim de diminuir a dor dos carentes, desempenhando ainda função de zelador.

Sua dedicação foi reconhecida ainda em vida, como salienta Sais (1984, p. 96), ao recordar o momento em que o Reverendo Bittencourt o apresentara à Princesa Isabel, dizendo: “Este é o ‘Preto Caxias’, a alma mais caridosa da região!”⁷

O autor comenta ainda que:

a nobre senhora, num gesto dignificante, estende a mão ao preto escravo, e com firmeza, segura aquela mão negra de um escravo, que jamais tivera a oportunidade de tamanha afeição! Pela primeira vez na História do Brasil, um escravo, de público, há de ter sido solicitado pela magnânima Princesa a dar-lhe a mão!

⁷ A princesa Isabel esteve em Bagé em 1885.

Compreendemos o sentido do aperto de mãos representado sobre a lápide do Preto Caxias: as duas mãos entrelaçadas, uma branca e outra negra, referem-se ao aperto de mãos entre a princesa e o enfermeiro negro (Figura 6, detalhe). Funcionam ainda como reconhecimento pelos serviços prestados: trabalhou sem cessar e com total dedicação aos enfermos.

Como reconhecimento por sua caridade, um grupo de amigos encomendou um quadro, a um pintor de Porto Alegre, entregue em 1876 e hoje exposto na galeria de beneméritos da Santa Casa de Caridade de Bagé. Assim homenagearam, ainda em vida, este “benfeitor da humanidade” (SALIS, 1955, p. 185). Lê-se essa intenção no epíteto, abaixo de seu nome: “Prototypo de Caridade”. (Figura 5)



Figura 5: Retrato de Preto Caxias (1876) e placa. Autoria não identificada. Pintura a óleo sobre tela.
Dedicatória: “Maximiano Domingos do Espírito Santo / Prototypo de caridade” (em vermelho, na base do quadro).
Acervo: Bagé, Galeria de Beneméritos da Santa Casa de Caridade de Bagé.
Fotografia: Bastianello (2010).

A placa em alumínio colocada sob o quadro recorda as atividades de Preto Caxias: “Primeiro zelador, enfermeiro e transportador de doentes da Santa Casa de Caridade de Bagé.” A sua inclusão simbólica se dá em razão de incorporar um dos ideais cristãos que era considerado uma das maiores virtudes no convívio social: a caridade. De qualquer modo, é surpreendente para a sociedade da época a demonstração pública deste reconhecimento, colocando seu quadro na galeria dos

benfeitores, onde se costumam retratar pessoas da elite econômica e política, que é uma elite branca.

A escolha de seu local de sepultamento foi a homenagem mais marcante: na área mais nobre, destacando-se, em uma esquina, no quadrante C da *Primeira Divisão*. A vizinhança de seu sepulcro merece ser observada: ao seu lado, o sepulcro do visconde de Cerro Alegre e sua família; do outro, o túmulo da tradicional família de Alexandrino Severino Franco. A esquina é por via de regra ocupada por jazigos vinculados a famílias de destaque social, como os túmulos de Francisco Ilarregui, Visconde Ribeiro de Magalhães⁸ e Gen. Antonio de Souza Netto⁹. Portanto, é indubitável que a escolha do local seguiu um critério de valorização social, conferida a um indivíduo provindo de camada pouco prestigiada. Além disso, o túmulo presenteado segue o padrão da elite da época, construído com mármore. (Figura 6)

Talvez, reconhecer-se socialmente um indivíduo provindo da categoria dos escravos fosse a forma mais intensa de enaltecimento do valor da caridade. Homenageá-lo é uma ação modelar. Reconhecer seu mérito é mostrar para toda a sociedade que a maior virtude estaria no altruísmo. É um testemunho do alto grau de impregnação social dos valores da Igreja Católica sobre a sociedade da época.

A lápide acrescentada ao túmulo é de grande singularidade na sua intenção de eternizar os méritos do falecido. Além de apresentar, como registro iconográfico, o aperto de mãos “interétnico”, explicado mais acima, dedica o epitáfio aos valores caridosos de Preto Caxias, assim reconhecidos: “Humanitário Preto Caxias / Passou Pela Vida / Servindo e Chorando / As Desgraças Alheias”.

⁸ Imigrante português, fez grande riqueza como moderno e arrojado empresário do setor charqueador. Parte das antigas instalações de seu empreendimento funciona hoje como o Centro Histórico Cultural Vila de Santa Thereza.

⁹ Líder farroupilha nascido no Povo Novo, atual distrito do município de Rio Grande, em 11 de fevereiro de 1801 e falecido a 1º de junho de 1866. Sua família vivia em Bagé, onde passou boa parte de sua vida. No final, decepcionado com o desfecho da Revolução Farroupilha, mudou-se para o Uruguai.



Figura 6: Configuração original do túmulo de Maximiliano Domingos do Espírito Santo (Preto Caxias)

Detalhe: Aperto de mão e epitáfio

Acervo: Bagé, Museu D. Diogo de Souza, Fototeca Túlio Lopes.

O túmulo de Preto Caxias não se conservou na sua forma original, inclusive porque gerou uma devoção distinta de sua função tumular. Diferentemente da maioria dos túmulos, o de Preto Caxias há muito tempo é objeto de culto, com a colocação de guirlandas e velas, como mostra a antiga foto (Figura 6). São mais do que homenagens fúnebres. Não se trata de deferência prestada por familiares, em datas especiais. Há algumas décadas, não se sabe precisar o início, o túmulo passou a despertar uma forma de devoção popular, semelhante ao culto à Cigana Terena, no Cemitério Ecumênico São Francisco de Paulo, de Pelotas (Ver: *Diário Popular*, 02/11/2002), “que muitos acreditam realizar milagres e atender pedidos e promessas”. (Site de *Zero Hora*¹⁰)

Relata-se que, em razão das muitas velas e oferendas depositadas junto ao túmulo de Preto Caxias, este sofreu, há alguns anos, um incêndio. Fato semelhante ocorreu no túmulo de Cigana Terena, em Pelotas, que, nos Finados de 2005, incendiou, sendo necessário inclusive chamar a polícia para controlar a confusão instaurada entre a multidão. (Figura 7)

¹⁰ Extraído em 03/11/2010.



Figura 7: Túmulo de Cigana Terena (1833-1888)

Localização: Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas

Nacionalidade: Austríaca¹¹.

Fonte: Blog Pelotasnecropole¹²

Em razão do incêndio, o túmulo de Preto Caxias foi reformado (Figura 8), assim como o de Cigana Terena. Ficaram igualmente descaracterizados, perdendo traços da arquitetura funerária original.

¹¹ Até a Primeira Grande Guerra Mundial, o Império Áustro-Húngaro abrangia largas regiões da Europa central e Balcãs, de modo que a informação da nacionalidade austríaca não deve corresponder necessariamente ao atual território austríaco, sendo provável uma origem balcânica, onde a etnia cigana estava enraizada.

¹² <http://www.fotolog.com.br/pelotasnecropole/12251668>. Extraído em 23/06/2011.



Figura 8: Configuração atual do túmulo de Preto Caxias
Fotografia: Bastianello (2010)

Passado mais de um século de sua morte, sua memória e seu túmulo continuam a ter lugar de destaque. Contrastando com seu entorno, a aparência atual de sua edificação funerária foi transfigurada, pelo uso de materiais extemporâneos ao conjunto original, no qual predominam o mármore e estruturas caiadas. Os revestimentos modernos, que o desfiguraram do ponto de vista arquitetônico, na verdade respondem a uma ressignificação religiosa: o túmulo tornou-se ponto de oferendas (o único neste cemitério), coberto por placas de agradecimento, coroas, fitas e velas, que uma legião de simpatizantes deposita agradecendo por supostas graças alcançadas.

A existência de uma devoção a Preto Caxias é uma prática do cotidiano desta sociedade, em que muitos o têm como um propiciador de graças. Os artefatos presentes em seu túmulo são oferendas de populares. A comparação entre a forma arquitetônica original (Figura 6) e a forma reconfigurada (Figura 8) não revela somente uma transformação física do monumento: representa sua redefinição religiosa, espiritual. Concebido como túmulo, tornou-se altar de adoração popular a um santo milagreiro. O túmulo atual de Preto Caxias é o único revestido com piso cerâmico frio, em coloração marrom telha, destoando do branco-acinzentado das estruturas caiadas e do mármore de Carrara.

Reconhecemos Preto Caxias como o único afro-descendente contemplado com um espaço de eternização da memória na *Primeira Divisão*, a princípio não destinada aos segmentos excluídos da sociedade. Mas seu reconhecimento não se deu pela valorização de suas tradições culturais afro-brasileiras (cultura excluída), mas sim pela forma como incorporava a virtude máxima do ideal cristão trazido com os colonizadores e imigrantes portugueses – a caridade (CHAVES, 2008, p. 56).

Sua sepultura se torna atípica, no momento em que seu túmulo é o único representante de afro-descendente sepultado num espaço privilegiado. Já verificamos, ao relatar a exclusão de José Brunschvig, que este espaço estava reservado às famílias vinculadas às etnias de projeção sócio-econômica. Mais do que isto, estava reservado àqueles que representavam a ortodoxia cultural católica. Este era o caso do Preto Caxias, que se notabilizou pelos seus serviços de caridade cristã. Mas onde teriam sido sepultados os afro-descendentes contemporâneos a Maximiliano do Espírito Santo? A esta pergunta, ainda não temos resposta.

Algumas Considerações

Na *Primeira Divisão* do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé foram sepultadas pessoas de diferentes origens étnicas. Alguns grupos étnicos, como os descendentes de portugueses, espanhóis e italianos, se destacaram e se mantiveram coesos até hoje, através de suas associações. Estes grupos hegemônicos marcaram presença e afirmaram sua identidade cultural no espaço urbano e no espaço cemiterial, por meio de suas construções funerárias.

Essas edificações serviram não somente para perpetuar a memória das etnias formadoras enquanto grupo social, mas acabaram, pelo tratamento diferenciado, deixando marcas, na memória, de seus valores religiosos, bem como de práticas de exclusão ou inclusão baseadas nestes valores. A sociedade da época pôde tanto privilegiar um enterramento dentro do espaço sacro de um excluído, do ponto de vista étnico (como Preto Caxias), ou rechaçar a inumação de um excluído do ponto de vista religioso (como José Brunschvig).

A diversidade de origens étnicas presente no CSCCB aponta a existência de uma forma de tolerância cultural nesta sociedade – uma certa tolerância étnica. A Bagé do século XIX e início do séc. XX urbanizou-se ao sabor desta diversidade, em que os diferentes grupos de imigrantes desempenharam papéis variados na economia.

Contudo, havia uma regra implícita que estabelecia o limite desta diversidade cultural permitida – não se tolerava a diversidade religiosa. Basta se observar que a diversidade étnica aceita, composta de povos de origem mediterrânea, e todos falantes de idiomas neolatinos, inclui somente seguidores da fé católica. Conclui-se que esta diversidade de origens e línguas se submetia à força de uma unidade maior, a unidade religiosa, a unidade católica.

Legendas: Túmulos do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé

1. (Figura 3-4) Túmulo de José Brunschvig

Data de construção: 1877

Identificação: N° 06, da 7ª Divisão

Etnia: franco-judaica

Material: cimento caiado

Fotografia: Bastianello, 2010.

2. (Figura 6 e 8) Túmulo de Maximiliano Domingos do Espírito Santo (Preto Caxias)

Data da construção: 1888 (reformado na década de 2000)

Identificação: TP n° 62, catálogo n° 72 (Bastianello, 2010)

Etnia: afro-descendente

Material: mármore de Carrara (original); revestimento cerâmico frio de coloração alaranjada(atual)

Obs: Reformado após incêndio causado pelas velas acesas às graças alcançadas. Lápide em mármore, com fotografia (ausente no monumento original), epitáfio e aperto de mão (a mão branca representa a da Princesa Isabel, a mão negra a de Preto Caxias). Na lápide antiga, a mão negra estava no lado direito; na atual, no esquerdo. Manteve-se a cruz de ferro sobre o túmulo (ornada com coroa na foto antiga, e com fitas na atual).

Fontes: Acervo Museu D. Diogo de Souza, Fototeca Túlio Lopes (original); Bastianello, 2010 (atual).

Referências bibliográficas

ANAIS DE BAGÉ. Bagé: Museu Dom Diogo de Souza, Série 1, Número 1, 1963.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização:** a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Coleção História e Etnias de Pelotas, vol. 1. Pelotas: Editora Universitária da UFPEL, 2000.

ARIÈS, Philippe. **Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média.** 2ª ed., Lisboa: Teorema, 1989.

BASTIANELLO, Elaine Maria Tonini. **Os monumentos funerários do Cemitério da Santa Casa de Caridade de Bagé e seus significados culturais:** memória pública, étnica e artefactual. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pelotas - UFPel, Pelotas, RS, 2010.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na Morte como na Vida:** Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915). Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

CHAVES, Larissa Patron. **Honremos a Pátria Senhor! As Sociedades Portuguesas de Beneficência:** caridade, poder e formação das elites na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (1854-1910). Tese (Doutorado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1996.

PELLEGRINI, Marco. C.; DIAS, Adriana M.; GRINBERG, Keila. **Novo Olhar da História.** São Paulo: FTD, 2010.

REIS, Jorge. **Apontamentos históricos e estatísticos de Bagé.** Bagé: Tipografia Jornal do Povo, 1911.

ROCHINHAS, José Ferreira. **As colônias estrangeiras e sua influência no desenvolvimento econômico de Bajé.** In: *Anais de Bagé.* Bagé: Museu Dom Diogo de Souza, Série 1, Número 1, p. 216-221, 1963.

ROTERMUND, Harry. **História de Bagé do século passado.** Bagé: CECOM/URCAMP, 1981.

SAIS, João Coronel. **Tipos populares de Bagé.** Bagé: FAT/FunBA, 1984.

SALIS, Eurico Jacinto. **História de Bagé.** Porto Alegre: Livraria do Globo, 1955.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Espelhos, Máscaras, Vitrines:** estudo iconológico de fachadas arquitetônicas, Pelotas, 1870-1930. Coleção História e Etnias de Pelotas, vol. 4, Pelotas: Educat, 2002.

TABORDA, Tarcísio. O cemitério de Bagé. **Correio do Sul**, 28/01/1973.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros.** Brasília: MEC, 1972.

Recebido em Agosto de 2012

Aprovado em Novembro de 2012